

**Conectores coordenativos: condicionamentos sociais**  
**em duas comunidades de fala brasileiras**

**Maria Alice Tavares\***

aliceflp@hotmail.com

**Resumo** – Comparo a influência das variáveis sociais *idade* e *nível de escolaridade* sobre o uso dos conectores coordenativos E, AÍ, DAÍ e ENTÃO em Natal (RN) e Florianópolis (SC). Com base nessa comparação, estabeleço generalizações acerca das influências da idade e do nível de escolaridade sobre o uso dos conectores E, AÍ, DAÍ e ENTÃO no português brasileiro contemporâneo.

**Palavras-chave** – conectores coordenativos; variáveis sociais; generalizações

**Abstract** – I compare the influence of social variables *age* and *schooling level* over the use of coordinated connectors E, AÍ, DAÍ and ENTÃO in Natal (RN) and in Florianópolis (SC). Based on this comparison, I propose some generalizations on age and schooling level influences over the usage of connectors E, AÍ, DAÍ e ENTÃO in contemporary Brazilian Portuguese.

**Key Words** – coordinated connectors; social variables; generalizations

### **Introdução**

Abordo um fenômeno de variação lingüística envolvendo uma categoria gramatical, a *coordenação em relação de continuidade e consonância*, cujas formas variantes mais freqüentes no português brasileiro contemporâneo oral são os conectores coordenativos E, AÍ,

---

\* Professora Adjunta II do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: aliceflp@hotmail.com.

DAÍ e ENTÃO. Mais especificamente, discuto a questão dos condicionamentos sociais sobre o uso variável desses conectores, comparando resultados obtidos para duas comunidades de fala situadas em regiões distintas do Brasil: Florianópolis (SC), no Sul, e Natal (RN), no Nordeste. Em Florianópolis, são tomados como variantes os conectores E, AÍ, DAÍ e ENTÃO. Em Natal, DAÍ fica de fora da análise variável, pois não foram encontradas ocorrências desse conector na amostra de dados considerada.

Tenho por objetivos: (i) destacar semelhanças e diferenças relativas a condicionamentos sociais sobre o emprego dos conectores coordenativos sob enfoque nas comunidades de fala natalense e florianopolitana; (ii) buscar indícios de mudança em progresso através da estratificação etária desses conectores – sua “distribuição em tempo aparente” (LABOV, 2001); (iii) estabelecer generalizações acerca das influências de condicionamentos sociais sobre o uso dos conectores, que podem ser válidas não apenas para as comunidades de fala em tela, mas para as demais comunidades de fala brasileiras. Para tanto, controlo duas variáveis condicionadoras de natureza social: idade e escolarização.<sup>1</sup>

A seguir, a coordenação em relação de continuidade e consonância é descrita e exemplificada. Logo após, constam informações a respeito da teoria que orienta este estudo, a sociolinguística variacionista. Na seqüência, é justificada a necessidade de realização de pesquisas que comparem condicionamentos sociais sobre um mesmo fenômeno variável em diferentes comunidades de fala. Depois, recebem destaque aspectos metodológicos e são apresentados os resultados obtidos pelo controle das variáveis condicionadoras de natureza social *idade e escolaridade* em uma amostra de fala de Florianópolis e em uma amostra de fala de Natal (RN). Por fim, seguem as considerações finais e as referências.

## **1. Coordenação em relação de continuidade e consonância**

Oriundos de fontes adverbiais, E, AÍ, DAÍ e ENTÃO passaram por processos de gramaticalização<sup>2</sup> dos quais resultaram seus usos como conectores coordenativos. E e ENTÃO atuam como conectores desde os primórdios da língua portuguesa (séculos XIII e XIV). Já AÍ e DAÍ tornaram-se conectores em épocas mais recentes e possivelmente apenas no português brasileiro. As evidências para tal afirmação são as seguintes: (i) Tavares (2003a), averiguando mais de quarenta textos escritos em português nos séculos XIII a XX, mapeou ocorrências dos conectores AÍ e DAÍ apenas em textos brasileiros do século XX (e, mais especificamente, DAÍ só apareceu em textos escritos na segunda metade desse século); (ii) Tavares (2003b) não encontrou ocorrências desses conectores em amostras de fala do português europeu contemporâneo.

Como conectores coordenativos, E, AÍ, DAÍ e ENTÃO articulam duas orações ou dois segmentos mais amplos do discurso em relação de continuidade e consonância,<sup>3</sup> estabelecendo, portanto, uma ponte entre as porções do discurso por eles articuladas, no sentido em que a primeira serve de base para o que será dito na segunda.<sup>4</sup> Essa “[...] invariável ancoragem em instância preliminar do discurso, viabilizando a continuidade deste sempre em perfeita consonância com uma seqüência informacional já posta” (RISSO, 1996, p. 431), presente nos empregos de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO como conectores coordenativos, é responsável pelo efeito de previsibilidade obtido pela sua utilização: eles geram a expectativa de que algo novo será posto no discurso, em continuidade e consonância com o já dado.

Já que E, AÍ, DAÍ e ENTÃO possuem a mesma função,<sup>5</sup> podem ser tomados como formas variantes por pesquisas interessadas em avaliar a influência de condicionamentos sociais sobre o uso desses conectores, caso deste estudo. A seguir, temos ocorrências de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO provenientes de contextos muito similares: narrativas orais em trechos de introdução de seqüências de discurso direto, com o verbo de elocução *dizer* no pretérito

perfeito do indicativo. Essas ocorrências salientam a possibilidade de uso variável desses conectores.

(1) Aí a minha mãe: "Ah! pois é, mas eu tenho que dar baixa nessa carteira." Aí o cara falou: "É, mas a senhora não quer nada?" **E** a minha mãe disse: "Quer nada o quê?" "É porque nós somos obrigados a vender um ônibus desses pra pagar ele, porque a- a carteira dele não está dando baixa, ninguém deu baixa, né?" (FLP09)<sup>6</sup>

(2) Aí no que ele chegou ali, ele me convidou pra mim ouvir música com ele. **AÍ** eu disse: "Ah, não, eu não vou, porque amanhã é outro dia, e eu, outro dia, tenho que enfrentar todo mundo: pai, mãe, tio, todo mundo, né?" **AÍ** ele disse: "Não, mas, amanhã eu fico contigo." Eu disse: "Ah, não." Aí eu não sabia se eu acreditava nele, se eu ria, se eu chorava, se eu não- Eu não sabia a minha reação, não tem? (FLP20)

(3) A costureira não quis fazer, então eu e a minha irmã- A minha irmã não sabe costurar muito bem, **DAÍ** ela disse pra ele assim: "Não, mas quando que nós vamos fazer serão-" A minha irmã disse pra ele: "Como nós vamos fazer esse serão, se não tem costureira?" **DAÍ** ele disse: "Ah, vocês não querem fazer, então dá a carteira que eu dou as contas." (FLP02)

(4) Mas ele insistiu e disse: "Olha, tem uma equipe de São Paulo, lá, do Professor Odair Pedroso, se for necessário nós podemos lhe mandar pra São Paulo fazer um curso." **ENTÃO** eu disse: "Se é assim, se desejam assim, eu posso tentar, se não decepcionar." Então eu fiquei, realmente três meses em treinamento com a equipe do Professor Odair Pedroso num- no Hospital Celso Ramos. (FLP21)

Os conectores E, AÍ, DAÍ e ENTÃO indicam as seguintes relações semântico-pragmáticas: (i) seqüenciação textual: sinalização da ordem pela qual as unidades conectadas sucedem-se ao longo do tempo discursivo, salientando o encadeamento de uma porção textual anterior com uma posterior (como em 5 e 6 a seguir); (ii) seqüenciação temporal: introdução de eventos na ordem de ocorrência no tempo (valor de *a seguir, depois*), isto é, indicação de

que o evento B aconteceu logo depois do evento A (como em 7 e 8); (iii) causa-conseqüência: introdução de informações que representam conseqüência em relação a uma causa mencionada previamente (como em 9 e 10).<sup>7</sup>

(5) Só que tem que tomar cuidado por causa que ela é um gato de carne, né? daí quando vai pra rua os cachorros querem comer ela, né? **DAÍ** a minha mãe tem um cachorro, e ele avança nesse gato, nessa gata, quando o gato fica- vai pra casa os cachorros só ficam olhando, né? (FLP08)

(6) Aqui eu torço pelo ABC, né? Coitado! Vai jogar amanhã, se ele perder amanhã, tá fora. **E** no sul eu torço pelo Santos. É porque eu morei em Santos, e no- no tempo que eu morei em Santos, Pelé jogava no segundo quadro do Santos. (NAT02)

(7) Ele pegava o bambu, pegava- amarrava uma tocha **E** tocava fogo. (FLP01)

(8) É assim: você vai contar até 10 ou 20 ou 30, por aí. **AÍ** diz: “Lá vou eu.” **AÍ** o pessoal vai correr. Se a pessoa ticar essa pessoa, não é essa pessoa que ele ticou. (NAT05)

(9) Daí cada semana, porque é toda segunda-feira, aí cada segunda um aluno que dá aula. **DAÍ** vai ficando uma coisa diferente, vai ficando legal, não vai ficando uma coisa chata, monótona. (FLP08)

(10) Mas a escola não, a escola é diferente, porque tem o dia marcado pra aquilo acontecer. Então você é criança, não tem outro compromisso pra ir, é uma coisa diferente pra fazer, **ENTÃO** você vai. E- e é assim, é aquele momento, né? (NAT04)

## 2. A sociolinguística variacionista

A sociolinguística assume a perspectiva de que a língua apresenta variabilidade de uso em todos os níveis – os falantes fazem escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou

expressões. Um dos pressupostos básicos é de que essa variação é regular, passível de descrição sistemática e análise quantitativa. São passos centrais para a análise: (i) levantamento de hipóteses que possam explicar as tendências sistemáticas de um dado fenômeno variável e operacionalização dessas hipóteses através da elaboração de variáveis condicionadoras, que representam contextos lingüísticos e sociais capazes de favorecer ou desfavorecer a seleção de uma ou outra das formas que disputam determinado emprego; (ii) coleta dos dados relevantes, que são codificados em consonância com as variáveis condicionadoras, e submetidos a tratamento estatístico probabilístico, pelo qual freqüências e pesos relativos são associados aos diversos fatores, a fim de que se possa medir a restrição que cada um deles exerce sobre a presença de uma ou outra das variantes; (iii) interpretação dos resultados quantitativos, procurando-se chegar a uma explicação para o fato de os falantes efetuarem uma certa escolha lingüística em detrimento de outra(s). É esse mapeamento sistemático de restrições sociais e lingüísticas sobre a variação que permite o estabelecimento de princípios universais de variação e mudança. No caso deste artigo, detenho-me apenas na questão das restrições sociais sobre o uso de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO como conectores.

Ao recortar a língua, seja de modo transversal, seja de modo longitudinal, encontrar-se-á variação, a qual talvez esteja representando uma etapa de um processo de mudança em andamento que pode eventualmente resultar em mudança categórica em uma sincronia posterior. O ontem e o hoje se imbricam mutuamente: a disseminação da mudança na estrutura lingüística e na estrutura social envolve um contínuo de variações e alterações interligadas ao longo do tempo. Conseqüentemente, uma mudança em progresso pode ser captada mediante a observação comparativa de diferentes períodos de tempo ou em recortes puramente sincrônicos onde se identificam inferencialmente as direções da mudança com base em elementos variáveis.

Mais especificamente, os indícios de mudança lingüística são buscados pela sociolingüística variacionista em estudos que envolvem dados de tempo real e/ou de tempo aparente, isto é, dados de épocas passadas (décadas, séculos) – o uso em tempo real; ou dados atuais, caso deste estudo, relacionando-se as variantes à idade dos informantes – o uso atual como reflexo do uso passado e fonte dos usos futuros (LABOV, 1994). Se estamos lidando com mudança em progresso, possivelmente encontraremos diferenças nas frequências e pesos relativos das variantes entre os falantes mais jovens e mais velhos.

### **3. Estudos comparativos**

Por que realizar estudos comparativos no âmbito da sociolingüística variacionista? Entre as sugestões para possíveis futuros desdobramentos freqüentemente apontados em pesquisas feitas sob a égide dessa teoria, destaca-se o incentivo à realização de análises comparativas dos resultados obtidos pela investigação de um dado fenômeno variável em uma comunidade de fala com resultados obtidos pela investigação do mesmo fenômeno em outras comunidades. No entanto, tais análises raramente são levadas a cabo, talvez por conta das dificuldades que implicam.<sup>8</sup>

Quais os ganhos que adviriam da realização de estudos comparativos, envolvendo a busca de semelhanças e diferenças quanto ao comportamento de um mesmo fenômeno variável em dialetos brasileiros e mesmo entre o português brasileiro e o português europeu? Conforme Guy (1999, 2000), é importante empreender comparações entre resultados obtidos para fenômenos variáveis dentro de uma mesma língua ou mesmo translingüísticamente, com fins de estabelecimento de generalizações na medida do possível universais. Por exemplo, ao investigarmos se as restrições lingüísticas e sociais à variação e à mudança no caso dos conectores E, AÍ, DAÍ e ENTÃO são as mesmas em todas as regiões do Brasil e, se não, em que diferem, podemos aventar explicações capazes de refinar e fortalecer generalizações a

respeito do fenômeno. Estamos seguindo, então, os passos de pesquisa descritos por Labov (1994, p. 04-05):

Começamos com questões gerais acerca das trajetórias, mecanismos e causas da mudança, questões que são na maioria dos casos derivadas de análises anteriores. Para respondê-las, selecionamos comunidades de fala que evidenciam mudança em progresso de um tipo que prometa ser esclarecedor e tecemos observações a partir de uma amostra representativa de falantes da comunidade. Dessas observações, fazemos inferências acerca do que está acontecendo na comunidade como um todo. Nos melhores casos, *selecionamos outras comunidades adequadas para testar a generalidade das inferências que fizemos e associamos todos os dados que obtemos para confirmar, corrigir ou rejeitar essas inferências*. O resultado dessa expansão de nosso conhecimento é um pequeno número de *generalizações de escopo amplo, ou princípios*, que temos boas razões para acreditar que são verdadeiros. (...) *À medida que nossos princípios se fortalecem, é possível fazer deduções sobre o que podemos esperar encontrar em outras comunidades sofrendo mudanças*. (grifos acrescentados)

Em que são fundamentados os princípios sociolinguísticos universais? Está disponível em diversos países uma gama de estudos que apontam para as mesmas direções de variação e de mudança, dos quais foram extraídas generalizações de dimensão social e linguística do tipo: (i) as mulheres tendem a ser as líderes da mudança; (ii) costuma haver um pico de uso das formas inovadoras na fala dos adolescentes, especialmente daqueles com idades entre 17 e 20 anos (cf. LABOV, 2001); (iii) em mudanças em cadeia, as vogais periféricas são elevadas; (iv) regras que governam mudanças fonéticas em cadeia devem relacionar-se com as que governam as fusões, pois um fenômeno é o oposto do outro (cf. LABOV, 1994).



Semelhantemente, muitas outras observações de caráter geral têm sido feitas, derivadas de comparações entre estudos variacionistas, o que permite aprofundar e fazer evoluir aspectos teórico-metodológicos da sociolinguística com a elaboração de princípios universais.

Todavia, o rastreamento do condicionamento à variação e à mudança em apenas uma comunidade de fala é obviamente insuficiente para a proposição de generalizações. Fiz um estudo acerca da variação entre os conectores E, AÍ, DAÍ e ENTÃO na fala de Florianópolis, observando haver fortes influências de diversos fatores linguísticos e sociais sobre a variação e obtendo evidências de que está em progresso atualmente um fenômeno de mudança (cf. TAVARES, 2003a). Por se tratar de um estudo inédito, não havia com o que compará-lo com o intuito de confirmar ou refutar as conclusões alcançadas. Fazia-se, portanto, necessária a realização de estudos sobre o fenômeno em outras comunidades de fala para que fossem alcançadas explicações mais gerais e confiáveis, que pudessem ser candidatas a universais de variação e mudança no âmbito da coordenação em relação de continuidade e consonância.

Neste estudo, comparo resultados que obtive pelo controle de variáveis sociais como possíveis condicionadoras do uso de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO na comunidade de fala de Florianópolis com resultados que obtive pelo controle dessas variáveis como possíveis condicionadoras do uso de E, AÍ e ENTÃO para a comunidade de fala de Natal. Com base nessa comparação, proponho algumas generalizações passíveis de testagem em outras comunidades de fala brasileiras.

#### **4. Aspectos metodológicos**

Em estudos anteriores (TAVARES, 2003a, 2003c), com o intuito de realizar a análise da variação entre os conectores E, AÍ, DAÍ e ENTÃO em Florianópolis, rastreei quarenta e oito entrevistas do Banco de Dados VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil) feitas com informantes florianopolitanos nativos. Como não há em Natal um *corpus*

compatível, estou organizando-o. No total, serão coletadas quarenta e oito entrevistas com informantes nativos. A denominação provisória desse novo banco é BDFN – Banco de Dados da Fala de Natal. Já foram coletadas quatorze entrevistas, das quais provêm os primeiros resultados da análise da variação entre os conectores E, AÍ e ENTÃO em Natal.

As entrevistas feitas em Natal possuem a seguinte distribuição quanto aos informantes:

(i) doze informantes jovens e adultos, cuja estratificação em relação às variáveis sociais *gênero*, *idade* e *escolarização* pode ser observada no quadro 1; (ii) duas entrevistas com crianças de 9 a 11 anos (um menino e uma menina), com quatro anos de escolarização.

ESCOLA	FEMININO			MASCULINO		
	15 a 21 anos	25 a 45 anos	+ de 50 anos	15 a 21 anos	25 a 45 anos	+ de 50 anos
Quatro anos	1	1	1	1	1	1
Onze anos	1	1	1	1	1	1

**Quadro 1:** Distribuição dos informantes

Para facilitar a comparação, no que diz respeito à amostra de Florianópolis, utilizo, neste estudo, resultados provenientes de apenas quatorze do total de quarenta e oito entrevistas disponíveis. Essas entrevistas possuem a mesma distribuição de informantes, em termos de característica social, da distribuição da amostra de Natal (cf. acima).<sup>9</sup>

Uma vez que os conectores E, AÍ, DAÍ e ENTÃO são bastante recorrentes na oralidade, considero apenas os trinta minutos finais das entrevistas tanto de Natal quanto de Florianópolis, que têm cada uma sessenta minutos de duração.

Para a análise estatística, emprego o programa estatístico VARBRUL (PINTZUK, 1988), realizando rodadas eneárias com os dados de Florianópolis (pois são quatro as variantes: E, AÍ, DAÍ e ENTÃO), e rodadas ternárias com os dados de Natal (trata-se de três variantes: E, AÍ e ENTÃO). Apresento a seguir os resultados referentes às variáveis condicionadoras *idade* e *escolarização*, considerando quatorze informantes natalenses e quatorze florianopolitanos.

## **5. Variação entre conectores coordenativos em Natal e em Florianópolis**

Uma parte importante da investigação das origens sociais da mudança lingüística foi a identificação dos grupos de falantes que são “responsáveis” pela disseminação das inovações. Os traços sociais que têm sido mais relevantes para a identificação de tais grupos distribuem-se entre aqueles adstritos ao falante (como sexo e idade) e aqueles por ele adquiridos (como classe sócio-econômica e escolaridade). Segundo Chambers (1995), nas sociedades industriais, classe sócio-econômica, sexo e idade são os determinantes primários dos papéis sociais.

Nesta pesquisa, a escolha das variáveis sociais a serem controlados deveu-se, em parte, à própria organização do Banco de Dados VARSUL, constituído por entrevistas feitas com informantes distribuídos homogeneamente em células sociais de acordo com os traços *sexo, idade e escolarização*. O Banco de Dados da Fala de Natal (BDFN) está sendo constituído com organização semelhante, para facilitar as comparações.

### **5.1 Idade**

Entender os efeitos da idade sobre a língua requer entender as mudanças nas relações sociais ao longo de nossas histórias de vida. Passamos por afiliações a sucessivos grupos de referência e socialização, em estágios que, segundo Chambers (1995), podem ser sintetizados do seguinte modo: (i) na infância, o vernáculo é desenvolvido sob influência da família e dos amigos; (ii) na adolescência, as normas vernaculares sofrem aceleração sob pressão de redes densas; (iii) no início da vida adulta, a estandardização tende a se intensificar e, uma vez que os traços do socioleto estão estabelecidos na fala, eles permanecem relativamente estáveis para o resto da vida. É no período da adolescência que os indivíduos comumente sentem necessidade de, por um lado, distinguir-se dos adultos e, por outro, aproximar-se de

companheiros da mesma idade ou um pouco mais velhos. Nesse processo de busca da identidade, formas já existentes na região podem ser tomadas como marcas identitárias, havendo predileção por aquelas que fogem à língua culta.

Busquei propor, no conjunto de entrevistas aqui utilizadas, recortes no contínuo etário dos informantes que fossem consoantes às etapas de vida supracitadas. Contemplei, pois, quatro faixas etárias: de 09 a 11 anos (pré-adolescentes, em pleno processo de alinhamento a um grupo de amigos); de 15 a 21 anos (envolvimento em grupos adolescentes, finalização da escolarização secundária e orientação ao grupo de trabalho mais amplo e/ou universidade); de 25 a 45 anos (emprego regular e/ou responsabilidades familiaridades); acima de 50 anos (diminuição da força de trabalho e aposentadoria).

Dois dentre os seqüenciadores sob análise – AÍ e DAÍ – costumam ser considerados de menor *status*, isto é, trata-se de conectores que não fazem parte do conjunto de formas pertencentes à língua culta (cf. ABREU, 1992; TAVARES, 2003a). Sua utilização é provavelmente influenciada por tal avaliação negativa: AÍ e DAÍ devem ser mais recorrentes na fala dos indivíduos mais jovens, de 09 a 11 anos e de 15 a 21 anos, ao passo que os indivíduos de mais idade devem dar preferência para E e para ENTÃO, que não são considerados conectores de menor *status*. Pautando tal previsão, está a hipótese de que duas motivações sociais atuam em oposição nas comunidades de fala em tela: (i) a necessidade de afirmação da identidade levaria a uma maior freqüência de formas de menor *status*, como AÍ e DAÍ, na fala das pessoas com menos de 21 anos; (ii) o caráter estigmatizado desses conectores resultaria em sua menor recorrência na fala das pessoas com mais de 25 anos, talvez em razão de estarem tendo (ou terem tido) um maior envolvimento com o mercado de trabalho, em que pode haver uma certa pressão em direção ao respeito de normas da língua culta.

Subjacente à relação entre períodos de vida e o uso de formas de *status* inferior, está a razão pela qual podemos esperar uma maior recorrência de AÍ e de DAÍ na fala dos menores de 21 anos: são esses indivíduos que tendem a angariar formas inovadoras como marcas típicas do grupo de pares. Os itens lingüísticos que sofrem estigmatização são, em geral, mais novos na língua em relação a outras opções tidas como mais corretas – e por isso mesmo considerados como de menor valor. Assim, as formas tomadas como marcas identitárias pelos pré-adolescentes e/ou adolescentes apresentam, comumente, duas propriedades correlacionadas: são relativamente recentes e, em decorrência, possuem baixo *status* no mercado lingüístico – caso de AÍ e de DAÍ.

Conforme Labov (2001), a aquisição lingüística é, em grande parte, uma transmissão de traços fonéticos e morfossintáticos de núcleos adolescentes e pré-adolescentes mais velhos a mais jovens, sobrepondo-se à base lingüística transmitida pelos pais. A transmissão da mudança acontece no processo de transmissão da língua, em uma trajetória constante de inovações que são adicionadas ao vernáculo adquirido dos pais. Cada criança reflete o nível de sua aquisição inicial (do que lhe foi transmitido pelos pais), acrescido de alterações advindas do contato com irmãos e outras crianças mais velhas na comunidade local. Há, portanto, incrementos constantes nas gramáticas individuais: a experiência de cada grupo mais jovem faz a mudança avançar.

A hipótese é, portanto, que o aparecimento dos conectores mais recentes, AÍ (no caso de Natal e Florianópolis) e DAÍ (no caso de Florianópolis, já que esse conector não foi encontrado na fala natalense), deve aumentar à proporção que diminui a idade dos informantes. Vejamos os resultados:

IDADE	E			AÍ			ENTÃO		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
09-11 anos	35/125	28	0,154	89/125	71	0,675	01/125	01	0,171
15-21 anos	174/331	53	0,333	114/331	34	0,274	43/331	13	0,393
25-45 anos	161/441	37	0,308	198/441	45	0,224	82/441	19	0,469

+ de 50 anos	182/345	53	0,324	105/345	30	0,165	58/345	17	0,511
<b>TOTAL</b>	552/1.242	44		506/1.242	41		184/1.242	15	

**Tabela 1:** Influência da idade sobre o uso de E, AÍ e DAÍ – Natal

IDADE	E			AÍ			DAÍ			ENTÃO		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
09-11 anos	53/307	17	0,034	11/307	04	0,013	240/307	78	0,941	03/307	01	0,013
15-21 anos	137/343	40	0,205	125/343	36	0,516	15/343	04	0,106	66/343	19	0,173
25-45 anos	102/274	37	0,202	58/274	21	0,197	08/274	03	0,076	106/274	39	0,526
+ de 50 anos	150/325	46	0,284	87/325	27	0,312	06/325	02	0,053	82/325	25	0,352
<b>TOTAL</b>	442/1.249	35		281/1.249	22		269/1.249	22		257/1.249	21	

**Tabela 2:** Influência da idade sobre o uso de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO – Florianópolis

Em Natal, E concentra-se na fala dos indivíduos com mais de 15 anos de idade, em oposição a AÍ, que, embora conte com boa frequência em todas as faixas etárias consideradas, apresenta um pico de uso entre os pré-adolescentes (frequência de 71% e peso relativo de 0,675). ENTÃO mostra-se mais recorrente na fala de indivíduos maiores de 25 anos. Em Florianópolis, falantes com mais de 50 anos são os que mais tendem à utilização de E, que tem uso bastante restrito entre os pré-adolescentes. AÍ predomina na fala dos indivíduos de 15 a 21 anos. Quanto a DAÍ, os falantes de 09 a 11 anos tendem largamente ao uso desse conector, enquanto falantes mais velhos inclinam-se fortemente a seu desfavorecimento. Os grupos que mais fazem uso de ENTÃO são aqueles referentes a indivíduos maiores de 25 anos. Em oposição, indivíduos com menos de 21 anos quase não o utilizam.

Portanto, as hipóteses propostas para a variável condicionadora *idade* foram confirmadas: os conectores mais novos e de menor *status*, AÍ e DAÍ, estão associados aos falantes mais jovens, ao passo que os mais antigos e não estigmatizados, E e ENTÃO, estão associadas aos falantes mais velhos.

Uma vez que foi constatada uma correlação significativa entre a idade dos informantes e o uso de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO em Florianópolis, a possibilidade de que uma mudança esteja em progresso é grande: DAÍ ocupa um grande espaço na fala da geração mais jovem (com 78% das ocorrências), ocasionando um decréscimo no uso dos demais conectores. Em Natal, é AÍ que ocupa mais espaço a cada geração, à medida que ENTÃO perde terreno. O

uso de E apenas sofre diminuição na fala dos pré-adolescentes, o que talvez signifique que esteja iniciando um processo de mudança rumo à retração de uso, abrindo espaço para o conector mais recente, AÍ. Já em Florianópolis, E tem sua utilização diminuída a cada nova geração, o que indica uma mudança que está em andamento a mais tempo.

## 5.2 Escolarização

Para a variável condicionadora *escolarização*, considero apenas os dados extraídos da fala de doze informantes natalenses e doze florianopolitanos: seis com quatro anos de escolarização e seis com onze, em cada uma dessas comunidades de fala. Deixo de lado, portanto, em cada comunidade, os dados de dois informantes, aqueles de 09 a 11 anos e quatro anos de escolarização. Espero, com isso, evitar enviesamentos nos resultados: haveria oito informantes com quatro anos de escolarização, e apenas seis com onze anos. Além disso, não seria válido tomar em conjunto os informantes de 09 a 11 anos e os demais informantes com quatro anos de escolarização, pois o *status* social de cada um desses grupos é obviamente bastante distinto: os informantes de 09 a 11 anos possuem a escolaridade esperada para indivíduos dessa faixa etária, mas os adolescentes e adultos que cursaram apenas quatro anos são bastante desvalorizados socialmente, em especial no mercado de trabalho.

Há situações de variação em que as variantes são claramente avaliadas como pertinentes ou não à variedade culta da língua. Em tais situações, a opção pela utilização de uma dentre duas ou mais das variantes costuma correlacionar-se à escolarização dos usuários da língua, no sentido de que, quanto mais anos passados na escola, maior o uso das formas que possuem conceito social positivo. A escolarização continuada, portanto, é um dos fatores que contribui para a padronização da fala e da escrita consoante os preceitos da língua culta.

Esse pode ser o caso do fenômeno em tela: empregos conectivos de AÍ e de DAÍ costumam ser considerados, pelos professores de língua portuguesa em geral, não apenas



como típicos da fala (e, mesmo assim, apenas em situações mais informais ou coloquiais), mas até como vícios de linguagem, e, por conta disso, sua recorrência deve diminuir na fala dos indivíduos que tiveram um maior tempo de contato com a escolarização formal e, por tabela, mais experiência com a variedade culta da língua. Como contraparte, E e ENTÃO seriam mais frequentes na fala desses indivíduos, como alternativas de maior prestígio. Vejamos os resultados:

ESCOLARIZAÇÃO	E			AÍ			ENTÃO		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
04 anos	280/635	44	0,296	284/635	45	0,478	71/635	11	0,226
11 anos	237/482	49	0,341	133/482	28	0,211	112/482	23	0,448
<b>TOTAL</b>	517/1.117	46		417/1.117	37		183/1.117	16	

**Tabela 3:** Influência da escolarização sobre o uso de E, AÍ e ENTÃO – Natal

ESCOLARIZAÇÃO	E			AÍ			DAÍ			ENTÃO		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
04 anos	218/557	39	0,197	225/557	40	0,346	23/557	04	0,329	91/557	16	0,128
11 anos	171/385	44	0,270	45/385	12	0,154	06/385	02	0,161	163/385	42	0,415
<b>TOTAL</b>	389/942	41		270/942	29		29/942	03		254/942	27	

**Tabela 4:** Influência da escolarização sobre o uso de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO – Florianópolis

Confirmando a hipótese inicial, em Natal, verifica-se uma preferência por E e por ENTÃO por parte das pessoas com mais tempo de escolarização, ao passo que AÍ é bastante favorecido pelas pessoas com menos tempo de escolarização. Em Florianópolis, há uma inclinação para que AÍ e DAÍ ocorram na fala das pessoas com apenas quatro anos de escolarização, paralelamente a seu desfavorecimento na fala de pessoas com onze anos de escolarização. Em contraste, indivíduos com maior tempo de escolarização privilegiam o uso de E e especialmente de ENTÃO. Devemos ser, no entanto, cautelosos em relação aos resultados obtidos para DAÍ, uma vez que a opção pela exclusão de dois dos quatorze informantes (os indivíduos de 09 a 11 anos) de cada uma das comunidades de fala em comparação levou a uma grande redução na frequência geral de DAÍ: de 22% para apenas 03%.

## 6. Considerações finais

A distribuição social dos conectores coordenativos E, AÍ, DAÍ e ENTÃO nas duas comunidades de fala aqui em comparação revela muitas semelhanças, dentre as quais saliento: (a) E destaca-se na fala de indivíduos com mais de 50 anos e de maior tempo de escolarização; (b) AÍ é favorecido na fala de indivíduos de baixa escolaridade; (c) ENTÃO predomina na fala de indivíduos com mais de 25 anos e de maior escolarização.

Tais semelhanças ressaltam a validade da proposição de generalizações de variação e mudança relativas à distribuição social dos conectores E, AÍ, DAÍ e ENTÃO nas diversas regiões do país. Claro que, a fim de que generalizações mais refinadas sejam propostas, é imprescindível o recolhimento de um maior número de entrevistas com informantes natalenses, para que novos dados solidifiquem os resultados acima apontados. Proponho, porém, as generalizações iniciais listadas a seguir, a serem aprofundadas e refinadas quando mais dados forem obtidos.

Trata-se de generalizações que sintetizam algumas tendências referentes aos padrões de distribuição social dos conectores E, AÍ, DAÍ e ENTÃO. São elas:

**1.** As tendências gerais quanto à distribuição dos conectores coordenativos em grupos sociais obedecem a duas motivações em especial:

**(i) A valoração social atribuída aos conectores:** Se, em uma dada comunidade de fala, um ou mais conectores são considerados de menor *status*, isto é, como não pertinentes à língua padrão/culta, sua utilização deve ser influenciada por tal avaliação negativa, aparecendo com mais frequência na fala de indivíduos mais jovens e de menor escolaridade (e, por hipótese, de classes sócio-econômicas desfavorecidas – uma variável condicionadora que também pode vir a ser testada).

**(ii) Marca de identidade:** Os falantes mais jovens são os que mais utilizam os conectores de menor *status* e/ou mais recentes na língua, tomando-os como marcas típicas do grupo de pares.<sup>10</sup>

Não é apenas sobre o que é comum às comunidades de fala que recai o interesse de um estudo comparativo: a comparação pode auxiliar na descoberta de especificidades e de idiosincrasias em comunidades particulares, revelando o jogo local *versus* universal típico da língua. Tomemos apenas alguns exemplos de possíveis diferenças: (i) as variantes podem ser distintas; (ii) as frequências de ocorrência de cada variante podem variar de acordo com a comunidade considerada.

Assim, cumpre apontar as diferenças que encontrei na distribuição social dos conectores E, AÍ, DAÍ e ENTÃO nas comunidade de fala de Natal e de Florianópolis: (i) em Natal, E recebe destaque, em termos de peso relativo, na fala de indivíduos de todas as faixas etárias, mas, em Florianópolis, apenas na fala daqueles com mais de 50 anos; (ii) em Natal, AÍ aparece com mais frequência na fala de pessoas de 09 a 11 anos, ao passo que, em Florianópolis, aparece com mais frequência na fala de pessoas de mais de 15 a 21 anos.

Contudo, a principal diferença entre Natal e Florianópolis é a utilização de DAÍ como conector apenas nesta última comunidade de fala (e com frequência alta, de 22% do total de dados), não tendo sido encontrada nenhuma ocorrência do conector na fala natalense. DAÍ é, dentre os quatro conectores sob estudo, o mais recente em língua portuguesa e, por conta disso, é possível que tenha sido mais difundido em algumas comunidades de fala brasileiras (caso de Florianópolis) do que em outras (caso de Natal).

Para finalizar, ressalto que as considerações aqui expostas necessitam ser bastante refinadas, uma vez que foram feitas com base em dados extraídos de um número pequeno de informantes – apenas quatorze para cada uma das comunidades de fala consideradas. Para que

haja representatividade suficiente, o ideal é que cada célula social (por exemplo, a composta por informantes de 15 a 21 anos, sexo feminino e nível de escolaridade primário) seja constituída por ao menos dois informantes (enquanto as células aqui consideradas contêm cada uma somente um informante). O maior número de informantes contribui para evitar desvios nos resultados ocasionados por idiossincrasias porventura encontradas na fala de alguns indivíduos. Para tentar solucionar esse problema, a coleta das entrevistas para completar o BDFN é uma das próximas tarefas a serem realizadas, na continuidade deste estudo.

## Notas

\* Controlei também a variável *sexo*, mas os resultados obtidos não foram significativos e, por isso, não serão apresentados aqui.

<sup>2</sup> Através da gramaticalização, estratégias retóricas envolvendo itens lexicais e/ou gramaticais, inicialmente criativas e expressivas, tornam-se habituais por serem recorrentemente utilizadas em determinado tipo de contexto interacional. A gramática é constantemente alimentada por essa rotinização de inovações. Com base em dados do latim e das várias fases da língua portuguesa, Tavares (2003a) faz uma análise das etapas de gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO, além de discutir a questão de sua categorização como conectores coordenativos.

<sup>3</sup> Em Tavares (2003a, 2006), podem ser conferidos resultados referentes ao controle de diferentes níveis de articulação (oração, segmento tópico, subtópico, tópico) como variável condicionadora.

<sup>4</sup> Esse tipo de coordenação integra a categoria mais ampla da junção oracional, em oposição à subordinação (cf. GIVÓN, 2001). Existem também outros conectores de mesma função, porém menos freqüentes e de distribuição diferenciada, razões pelas quais não foram incluídos neste estudo. Entre eles, o que mais se destaca é o *depois* (cf. TAVARES, 1999).

<sup>5</sup> Sobre a abordagem, à luz da sociolinguística variacionista, de formas de mesma função, conferir Tavares (1999, 2003a), Görski *et al.* (2003), Görski e Tavares (2008), entre outros.

<sup>6</sup> O código que segue o trecho da entrevista a identifica. Por exemplo, em (FLP09), temos FLP = informante natural de Florianópolis, 09 = entrevista número 9. Os dados extraídos das entrevistas de informantes naturais de Natal são identificadas pelo código NAT.

<sup>7</sup> Tanto E quanto AÍ, DAÍ e ENTÃO indicam as três relações semântico-pragmáticas descritas acima, mas optei por apresentar apenas dois exemplos de cada relação por questão de espaço. Em Tavares (2003a, 2006), podem ser conferidos resultados referentes ao controle das relações semântico-pragmáticas como variável condicionadora.

<sup>8</sup> Conferir Tavares (2004) para uma discussão acerca de tais dificuldades, com a proposição de soluções.

<sup>9</sup> Os resultados referentes à variação entre os conectores E, AÍ, DAÍ e ENTÃO na totalidade das quarenta e oito entrevistas de Florianópolis podem ser conferidos em Tavares (2003a, 2003c).

<sup>10</sup> Em cada comunidade de fala estudada, devem ser realizados testes de avaliação capazes de revelar o *status* dos conectores no mercado lingüístico local. Tais testes podem mostrar também se os falantes mais jovens consideram um ou mais conectores como típicos de seu grupo de pares, ou ao menos como ligados aos indivíduos jovens em geral.

## **Referências bibliográficas**

ABREU, M. T. V. *Elementos conjuntivos: sua variação em narrativas orais e escritas*. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Cambridge: Blackwell, 1995.

GIVÓN, T. *Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GÖRSKI, E.; TAVARES, M. A. Teoria da variação/mudança e funcionalismo lingüístico: (in)compatibilidades? 2008. Impresso.

GORSKI, E.; GIBBON, A.; VALLE, C. R. M.; MAGO, D. D.; TAVARES, M. A. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.) *Português brasileiro*:

contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras/FAPERJ, 2003. p. 106-122.

GUY, G. R. Notas do curso *Sociolingüística Comparativa*, ministrado de 22/02 a 05/03, na UFSC, por ocasião do XIV Instituto Lingüístico da ABRALIN. 1999.

\_\_\_\_ A identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação lingüística. *Organon*, v. 14, n. 28-29, p. 17-32. 2000.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

\_\_\_\_ *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

PINTZUK, S. *VARBRUL program*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1988. Impresso.

RISSE, M. S. O articulador discursivo “então.” In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (orgs.) *Gramática do português falado*. Vol. IV. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996.

TAVARES, M. A. O papel da marcação na expressão variável da seqüenciação na fala de Florianópolis. In: VANDRESEN, P. (Org.) *Varição, mudança e contato lingüístico no português da região sul*. Pelotas: EDUCAT, 2006. p. 51-76.

\_\_\_\_ *Seqüenciação de informações na fala de Natal (RN) e de Florianópolis (SC): um estudo sociofuncionalista comparativo*. Natal: UFRN, 2004. 40 p. Relatório técnico.

\_\_\_\_ *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Florianópolis, 2003a. 307 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina.

\_\_\_\_ Condicionamentos lingüísticos e sociais sobre a seqüenciação de informações no português oral d’aquém e d’além mar: mudança em progresso? *Revista Signum: estudos da linguagem*, Londrina, v. 6, n. 2, p. 219-251. 2003b.

\_\_\_\_ Gramaticalização: motivações sociais subjacentes à disseminação das inovações. *Revista da ABRALIN*. v. 2, n. 2, p. 115-155. 2003c.

\_\_\_\_\_ *Um estudo variacionista de AÍ, DAÍ, ENTÃO e E como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis.* 1999. 175 p. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras, Curso de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

---